

Dinâmicas do sector do livro em Portugal: Modernização das Feiras do Livro, Lisboa e Porto (2009) e recomposição do associativismo editorial e livreiro

The dynamics in the book sector in Portugal: the modernization
of the Lisbon and Oporto Book Fairs (2009) and the
reconfiguration of the Publishers and Booksellers Associations

RUI BEJA*

PALAVRAS-CHAVE: Associativismo, Concentração editorial, Editores, Feiras do livro, Livreiros, Políticas públicas.

KEYWORDS: Book Association, Publishing concentration, Publishers, Book fairs, Booksellers, Public policies.

Tudo que existe existe talvez porque outra coisa existe.

Nada é, tudo coexiste: talvez assim seja certo.

Fernando Pessoa – Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*.

Nota Introdutória

Na linha de estudos antes publicados (Beja, 2011, 2012, 2019), o presente trabalho assenta na conjugação entre o conhecimento que adquiri ao longo de cinco décadas vividas no mundo do livro (1971-2021) e o propósito, que entendo ser responsabilidade cívica, de dar contributo útil para a historiografia da actividade editorial e livreira em Portugal.

A conhecida conflitualidade no movimento associativo da indústria do livro é ancestral e nem sempre esteve alheia à organização das Feiras do Livro, conforme tratei em *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas* no capítulo em que abordo a cisão ocorrida entre 1999 e 2009 (cf. Beja, 2012: 111-130). O presente artigo tem como objectivo analisar as principais questões

* Centro Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.

que precederam, ocorreram ou foram potenciadas pela modernização das Feiras do Livro de Lisboa e Porto, em 2009, incluindo o contributo para a reunificação do movimento associativo que, há uma década, se cindira entre a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) e a União dos Editores Portugueses (UEP). O distanciamento temporal proporciona a equidistância analítica que, usando como metodologia a pesquisa empírica e uma estrutura de apresentação temática e predominantemente diacrónica, visa aportar, concatenar e divulgar conhecimento útil, no âmbito político, institucional e profissional do sector do livro.

Na primeira parte é feita uma breve síntese da longa história das Feiras do Livro de Lisboa e Porto, oficialmente promovidas desde 1930, seguida do respectivo enquadramento no conjunto de factores e conflitos que levaram à cisão do movimento associativo em 1999, consumada com a constituição da União dos Editores Portugueses (UEP).

A segunda parte trata das divergências APEL-UEP que levaram ao «Memorando de Entendimento», assinado em 2008 entre as duas associações e a Câmara Municipal de Lisboa (CML), para modernização da Feira do Livro de Lisboa a realizar em 2009 e do subsequente processo de concretização que culminou com a reunificação do movimento associativo na APEL.

A finalizar, apresentam-se as conclusões de um estudo que se pretende factual e dinamizador de iniciativas que, no contexto do processo de concentração livreira e editorial e da actual estrutura, tensões e distopias do mercado, dotem o sector do livro com mais e melhor informação, fomentem a adopção de adequadas políticas públicas para o livro e a leitura, mobilizem sinergias e desafiem novas abordagens no domínio da investigação.

1. As Feiras do Livro no âmbito do associativismo editorial e livreiro

Breve historial do mercado do livro e das Feiras de Lisboa e Porto

Foi em 1930 que a então designada Associação de Classe dos Livreiros de Portugal promoveu, pela primeira vez, a organização oficial das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto, precedidas de “mercados do livro” não oficiais e com fins diversos, incluindo recolha de fundos para obras filantrópicas:

A primeira Feira do Livro, não oficial em 1906, chamou-se Mercado do Livro (em Agosto), encheu o recinto em torno da Lisboaeta estátua do Marquês de

Pombal. Em 1908 com o fim de recolher fundos, na Tapada da Ajuda, algumas senhoras Lisboa organizaram um Mercado de Livros. A terceira Feira do Livro, em 1918 também em Lisboa, inaugurada pelo Presidente Sidónio Pais. Os fundos foram revertidos para a sopa dos pobres. Em 1920 pela primeira vez um grupo de livreiros organiza a feira do livro na invicta. Em 1927 na Rua Passos Manuel (no Porto) é organizada uma semana do livro brasileiro. (Regedor, 2005: 1).

É longeva, e nem sempre consensual, a evolução ocorrida num domínio que assume, por via da alargada divulgação do livro e subsequente promoção de hábitos de leitura, relevante interesse público no âmbito sociocultural. Como escreve Fernando Guedes:

Ininterruptamente realizadas desde então [1930], as Feiras do Livro de Lisboa e Porto constituem não só grandes acontecimentos citadinos mas são, indiscutivelmente, as grandes montras em que anualmente centenas de milhares de pessoas mergulham, ávidos ou indiferentes, os olhos nos livros, muitas pela única vez em cada ano.

E tão importantes as Feiras se tornaram, logo desde o início, que os sucessivos livros de Actas das Assembleias Gerais, sem praticamente uma excepção, nos dão conta das discussões que periodicamente se travaram acerca dos seus regulamentos, dos atropelos cometidos a esses regulamentos, das alterações que deveriam sofrer, etc. etc. (Guedes, 2005: 108).

As Feiras do Livro de Lisboa e do Porto, os eventos culturais de maior dimensão e mais forte adesão pública anualmente realizados em Portugal, com a antes citada relevância no contexto do associativismo editorial e livreiro, tiveram a evolução cronológica que a seguir brevemente sintetizo.¹

Em 1930, as então designadas «Semana do Livro», levadas a cabo pela Associação de Classe dos Livreiros de Portugal² com *stands* de editores e de

¹ Cf. Regedor, 2005: 1-3 – informação cotejada com APEL, 1992: 11-17 e Espadinha, 1977: 8-13.

² A Classe dos Livreiros de Portugal, fundada em 23 de Julho de 1927, teve como origem a Subsecção de Livreiros da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, que também usava a mais ambiciosa designação de Associação dos Livreiros de Lisboa e cujos estatutos, aprovados em atribulada reunião realizada em 30 de Maio de 1923, estabeleciam, no artigo 2.º, a divisão das empresas associadas em três categorias: editores, livreiros e editores-livreiros; em 1927 os livreiros estendem os laços associativos a todo o país e surge a Associação de Classe dos Livreiros de Portugal que, em Julho de 1928, aprovou o

livreiros, tiveram lugar em Lisboa (Rossio) e no Porto (Praça da Liberdade), com apoio institucional e grande sucesso popular. Com o correr dos tempos, as Feiras foram ganhando dimensão e passaram a englobar actividades lúdicas e promocionais de apoio ao livro e à leitura, alargaram o espaço dedicado aos certames e tiveram diversas alterações no tipo de *stands* e no local em que se foram realizando.

A Feira de Lisboa foi transferida para a Avenida da Liberdade em 1940 (33 pavilhões) e, em 1944, para além de realojada em frente ao cinema Condes, beneficiou de novos pavilhões em forma de livro que perduraram 22 anos. Em 1945, o evento volta ao Rossio e no ano de 1948 regressa à Avenida da Liberdade, onde permanece até 1979, nem sempre no mesmo espaço, mas sempre em crescimento (50 pavilhões e pela primeira vez um Festival de Poesia e o Dia do Livro Infantil, em 1964; 86 pavilhões e 50 mil livros, em 1977). Em 1980 instala-se no Parque Eduardo VII, com 95 pavilhões, e aí se mantém, com excepção do ano de 1996 em que, por obras no Parque, acontece na Rua Augusta e Terreiro do Paço em condições precárias.

A Feira do Porto manteve-se 40 anos na Praça da Liberdade, até que em 1971, com novo modelo de *stands* que substituíram os pavilhões em forma de livro, se transfere para a Praça do Município. Em 1973 realiza-se na Rotunda da Boavista e em 1975 regressa à Praça do Município. Num vai e vem que em nada beneficia a Feira, em 1983 volta por mais 10 anos à Rotunda da Boavista. Finalmente, em 1993 instala-se no Pavilhão Rosa Mota, onde permanece até 2008, em condições de progressiva escassez de espaço e degradação do equipamento.

As discussões e divergências de pontos de vista que sempre acompanharam a concretização das Feiras do Livro, enquadram-se no contexto dos diferentes interesses dos agentes que actuam no mercado do livro. Na génese de ancestrais discordâncias destaca-se a invenção do livro impresso, e a progressiva separação em diferentes profissões:

Regulamento Interno que serviu de lei e complemento dos Estatutos. Em 9 de Maio de 1933, o governo presidido por Oliveira Salazar aprovou novos estatutos e a designação foi modificada para Associação de Classe dos Editores e Livreiros de Portugal. Com a entrada em vigor da Constituição de 1933 e a instituição do regime corporativo, os dirigentes da Associação, apesar da oposição inicial de alguns editores e livreiros, diligenciaram a sua transformação em Grémio, o que veio a concretizar-se por alvará de 13 de Junho de 1939. Na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974, e em tumultuosa assembleia realizada em 3 de Maio de 1974, o Grémio foi convertido na actual Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (cf. Guedes, 2005: 104-114).

Desde as suas origens, a imprensa apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias e o livro como uma mercadoria que os homens fabricavam antes de tudo para ganhar o pão – mesmo quando, como os Aldos ou os Estienne, eram tipógrafos humanistas e eruditos, ao mesmo tempo. Era-lhes necessário, pois, primeiramente, achar capitais para poderem trabalhar e imprimir livros susceptíveis de satisfazer a sua clientela, e isso a preços capazes de sustentar a concorrência. O mercado do livro sempre foi semelhante a todos os outros mercados. Problemas de preço e de financiamento colocavam-se aos industriais que fabricavam os livros, aos tipógrafos e aos comerciantes que os vendiam, ou seja, os livreiros e os editores (Febvre/Martin, 2000: 153).

Também em Portugal, o aparecimento da imprensa e o crescimento das novas profissões do livro, relevam para a compreensão da conflitualidade que ao longo dos tempos marcou o associativismo de editores e livreiros (Guedes, 2005: 11-116). Não obstante as divergências existentes, a partilha do serviço à causa do livro, como instrumento privilegiado de difusão do conhecimento e da informação, mesmo durante o período obscurantista do Estado Novo, demonstra uma postura cívica e socialmente relevante (cf. Beja, 2019: 50-55).

A conflitualidade latente agravou-se com as profundas alterações decorrentes do processo de concentração que surgia então no retalho livreiro: inauguração, em 1985, do primeiro hipermercado, o Continente em Matosinhos, com espaços especificamente dedicados à venda de livros; crescimento da cadeia de livrarias Bertrand, encetada em 1993; e abertura de uma primeira loja FNAC em 1998 (cf. Beja, 2012: 90-93). Esta transformação potenciou uma correspondente concentração no plano editorial: em 2007 aquisição de editoras independentes, que deram lugar à formação do grupo Leya, em 2008; constituição do grupo Babel, a partir de um conjunto de editoras adquiridas entre 2008 e 2010; compra pela Porto Editora, em 2010, do grupo editorial e livreiro Bertrand-Círculo, antes detido pelo Direct Group Bertelsmann (*ibidem*: 106-110). A reestruturação da indústria do livro, iniciada nos países anglo-saxónicos a partir dos anos 60,³ chegara a Portugal duas décadas depois.

³ Citando John B. Thompson: “With the migration of the middle classes to the suburbs and the rise of the automobile as the primary means of transport, the suburban shopping mall became the new locus of the American retail trade. In 1962 the Walden Book Company, which for many years had operated a network of retail libraries on the East Coast, opened its first retail outlet in a shopping mall in Pittsburgh” (Thompson, 2011: 26-27).

Causas próximas da cisão no movimento associativo em 1999

Não tardou que o contexto de mal-estar que venho apontando tivesse fortes reflexos no associativismo editorial e livreiro. Em 21 de Junho de 1996, a fundação do Clube de Editores, estatutariamente definida no quadro legal das associações cívicas, constituiu, pelo tipo de actividades que se propunha desenvolver⁴ e pelo prestígio profissional e relevância associativa da maioria dos sócios fundadores,⁵ o primeiro prenúncio de uma latente cisão no movimento associativo.

Na APEL, divergências no seio da direcção eleita para 1995-1998, relativas à interpretação da Lei do Preço Fixo e à nomeação de representantes na Sociedade Portugal-Frankfurt 97,⁶ levaram a eleições intercalares realizadas em Fevereiro de 1997.⁷

À eleição, em 31 de Março de 1998, dos Órgãos Sociais para 1998-2001, concorreu uma lista única,⁸ mas o mal-estar estava instalado e o jornal Público

⁴ Ver artigo 4.º dos Estatutos: O Clube de Editores tem como objectivo promover colóquios, reuniões, palestras, acções de divulgação do livro e da leitura, além de fomentar, apoiar e desenvolver iniciativas que visem o progresso das actividades editoriais e representar os associados junto de entidades particulares, profissionais ou culturais (Clube de Editores, 1996: 5).

⁵ Carlos da Veiga Ferreira, Nelson de Matos, Daniel de Matos, Eduardo Lyon de Castro, Francisco Carvalho e Castro, Francisco Névoa de Melo, Francisco Lyon de Castro, Tito Lyon de Castro, Francisco Vicente, Mário Vidal Pereira, Nuno Lyon de Castro, Rita Fezas Vital e Zeferino Coelho.

⁶ A sociedade anónima Portugal-Frankfurt 97 foi criada pelo Decreto-Lei n.º 177/96, de 21 de Setembro, com capitais originários do Estado, da sociedade Parque EXPO 98, S.A. e da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Nos seus estatutos ficou estabelecido que tinha por objecto social a promoção da presença de Portugal como país-tema da 49.ª Feira do Livro de Frankfurt, que decorreu de 15 a 20 de Outubro de 1997.

⁷ O anterior pedido de demissão da vice-presidente Zita Areal (Areal Editores), e o posterior diferendo entre o presidente, José Manuel Lello (Prólogo Livreiros), e o também demissionário presidente do Conselho de Editores, António Manso Pinheiro (Editorial Estampa), originou que a direcção deixasse de ter quórum para exercer o seu mandato. Citando a APEL, na revista Livros de Portugal: «1997 – Ocorrem eleições para conclusão do mandato da Direcção eleita em 1995. José Manuel Lello e Margarida Dias Pinheiro mantêm-se como presidente e vice-presidente. Entram Vasco Teixeira (Porto Editora), como vice-presidente, Vasco Silva (Ática) como presidente do Conselho de Editores e Mário Silva (Livraria Nova Fronteira) como presidente do Conselho de Livreiros.» (APEL, 1998a: 14-15).

⁸ Assembleia Geral: presidente, António Manso Pinheiro (Editorial Estampa); 1.º secretário, Jorge Figueiredo de Sousa (Fundação Livraria Esperança); Jorge Araújo (Terramar). Direcção: presidente, Francisco Espadinha (Editorial Presença); vice-presidente, Pedro

noticiava: «Livreiros saem e presidente está por um fio – APEL à beira da ruptura total» (Leme / Gomes, 1999: nd). Uma sucessão de episódios, ocorridos entre Março e Abril de 1999, denunciava profundas clivagens no seio da APEL, tanto entre associados, que representavam interesses diferenciados e/ou perspectivas contraditórias sobre os processos de organização e gestão, como no domínio das relações interpessoais.

No centro da discórdia pontificavam, como questões de fundo: a relação editores-livreiros relativamente à aplicação da Lei do Preço Fixo;⁹ a criação de um regulamento para a prática de preços nas Feiras do Livro; o aparecimento da FNAC; a eventual constituição de uma associação de livreiros independente da APEL; e o modelo de gestão e repartição de recursos provenientes da participação da APEL na recentemente constituída AGE COP, entidade gestora dos direitos de cópia privada (cf. Leme, 1999 a: 26).

A 26 de Março de 1999, o presidente da Mesa da Assembleia Geral, convocou, para 28 de Abril, uma Assembleia Geral Extraordinária para eleição de novos Órgãos Sociais. Antes do acto eleitoral ainda se realizou, em 14 de Abril, uma agitada Assembleia Geral Extraordinária, cuja Ordem de Trabalhos se centrava, de novo, em dois dos temas geradores de controvérsia: «Regulamentos das Feiras do Livro do Porto e de Lisboa de 1999» e «Análise da deliberação sobre a posição da APEL na AGE COP» (cf. APEL, 1999 a: 1-7).

Moura Messa (Livraria Civilização Editora); vice-presidente, João Galacho (Centralivros); secretário e presidente do Conselho Técnico de Editores, Guilherme Valente (Gradiva Publicações); secretário e presidente do Conselho Técnico de Livreiros, Mário Reis (Livraria Arco-Íris); secretário, Manuel Brito (Contexto Editora); secretário, Laura Esperança (Livraria Americana); suplente, Jorge Araújo (Campo das Letras); suplente, Fernando Sarmento (Girassol Edições). Conselho Fiscal: Manuel Ferrão (Texto Editora), vogal, Francisco Vicente (Difel); vogal, João Salgado (Coimbra Editora). Conselho Técnico de Editores: António Baptista Lopes (Editorial Notícias) e Carlos da Veiga Ferreira (Editorial Teorema). Conselho Técnico de Livreiros: Manuel Bidarra de Almeida (Livraria Multinova) e Maria da Conceição Leite Pinto (Livraria Republicana). (cf. APEL, 1998b: 15).

⁹ Para aprofundamento desta matéria consultar o estudo *Dinâmicas da Aplicação da Lei do Preço Fixo* (Santos, 2000).

Para as eleições a realizar em 28 de Abril de 1999 apresentaram-se, pela primeira vez em 31 anos, duas listas.¹⁰ O espectro da cisão pairava no ar, por via de posições extremadas sobre a convivência na APEL entre editores e livreiros, e esta fragmentação passava para a comunicação social, onde eram descritas as posições divergentes, por vezes excessivas, veiculadas por via indirecta ou através de declarações dos candidatos ou apoiantes de cada lista (cf. Sepúlveda / Simões, 1999: 54-55; Queirós, 1999: 1-5). Venceu a lista B, que assumia em «Razões para uma Candidatura»: «É imperativo das Associações a existência de linhas de pensamento que unam na acção as classes que as constituem» (APEL, 1999b: 1).

A livreira Graça Didier tornou-se a primeira mulher a presidir à APEL, ao vencer por uma margem de 16 votos (100 contra 84), a lista liderada pelo editor Pedro Moura Bessa que incluía vários membros da direcção anterior¹¹ (cf. Leme, 1999b: 1-2).

Mas as hostilidades não estavam sanadas e, em 18 de Junho de 1999, o jornal Público noticiava que, na sequência de Assembleia Geral realizada dois dias antes, para decidir sobre a relação APEL-AGECOP, um grupo de editores descontentes com a decisão aprovada se preparava para criar um novo órgão representativo de editores, possivelmente denominado União dos Editores Portugueses (UEP).¹²

¹⁰ Candidatos à direcção: Lista A – presidente, Pedro Moura Bessa (Livraria Civilização Editora); vice-presidente, João Salgado (Coimbra Editora); vice-presidente, João Galacho (Centralivros); secretário e presidente do Conselho Técnico de Editores, Manuel Brito (Contexto Editora); secretário e presidente do Conselho Técnico de Livreiros, Pedro Fernandes (Libernet); secretário, Guilherme Valente (Gradiva Publicações); secretário, Fernando Sarmiento (Girassol Edições). Lista B: – presidente, Graça Didier (Livraria Barata); vice-presidente, João Miguel Guedes (Editorial Verbo); vice-presidente, Vasco Teixeira (Poró Editora); secretário e presidente do Conselho Técnico de Editores, Hermínio Monteiro (Assírio & Alvim); secretário e presidente do Conselho Técnico de Livreiros, Miguel Bastos (Castil-Alvalade), suplente (Porto), Mário Nelson (Livraria Nova Fronteira); suplente, Vasco Silva (Ática).

¹¹ Pedro Moura Bessa (Livraria Civilização Editora), João Galacho (Centralivros), Guilherme Valente (Gradiva Publicações) e Manuel Brito (Contexto Editora).

¹² Citando o jornal Público: «Um grupo de editores, do qual fazem parte membros da anterior direcção da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), pretende avançar com uma providência cautelar para impugnar a assembleia geral desta associação realizada na quarta-feira à noite, em Lisboa. É mais um sinal de cisão entre editores e livreiros no interior da APEL, que acabará, de uma forma cada vez mais provável, na criação de uma nova associação, cujo nome eventual já existe – União dos Editores

Em Dezembro de 1999, a cisão consumou-se com a constituição e a designação transitória dos membros da direcção da UEP e da GESDIREITOS – Gestão de Direitos de Autor e Conexos.¹³ O ponto de vista expresso por cada parte, relativamente à cisão, é significativo.

A APEL reafirmava o princípio democrático, essencial para a diversidade de opinião, que tinha levado à existência de duas listas candidatas aos Órgão Sociais e acrescentava:

Infelizmente a lista não eleita persistiu na sua intenção emergente de conflitualidade, procurando com críticas sem sustentação consensual, desestabilizar administrativamente com o objectivo de esvaziar a APEL das suas responsabilidades adquiridas e tradicionalmente exigidas pela sua histórica existência (APEL, 2000: 5).

A UEP expressava que a sua fundação era o culminar de um longo e atribulado processo de empenhamento de muitos editores na vida associativa e descrevia as razões de divergência:

Portugueses. [...] Apesar da votação na reunião de quarta à noite ter mantido a posição da direcção anterior, o grupo de editores dissidentes não ficou satisfeito. Para estes, a APEL não deve estar representada na Agecop, enquanto aquela associação reunir editores e livreiros, uma vez que os últimos não recebem os dividendos previstos na lei da cópia privada. A APEL interpôs a acção contra a Agecop há três meses – antes das eleições em Abril que elegeram a nova direcção de Graça Didier (Barata) –, numa iniciativa de Guilherme Valente (Gradiva), Pedro Moura Bessa (Civilização), João Galacho (Centralivros) e Manuel de Brito (Contexto), todos membros da anterior direcção. [...] Manuel de Brito manifestou ao PÚBLICO a intenção de recorrer ao tribunal para impugnar a assembleia, entendendo que “a APEL não pode, com a estrutura actual de editores e livreiros, decidir sobre uma questão que só aos editores diz respeito”. Partindo de um núcleo de 25 editores descontentes com a estrutura representativa da APEL – entre os quais se incluem a Europa-América, Gradiva, Teorema, Contexto, Civilização, Difel, Centralivros, Texto Editora, Terramar, Afrontamento, Alfa e Girassol – Manuel de Brito confirmou que estão a ser tomadas medidas para criar um novo órgão associativo de editores (a denominação proposta, ainda não definitiva, é União dos Editores Portugueses) a ser representado junto da Agecop» (Gomes, 1999: 1-3).

¹³ Na UEP: Presidente, Manuel Luís Batista de Brito; Vice-Presidente, Guilherme de Carvalho Negrão Valente; e Vogal: Francisco José Ferreira Vicente (cf. UEP, 1999: 7). Na GESDIREITOS: Presidente, Pedro Lames de Moura Bessa; Vice-Presidente, Manuel José da Silva Reis Robalo; e Vogal, Manuel José do Espírito Santo Ferrão (cf. GESDIREITOS, 1999: 7).

Por todo o ano de 1998 e o primeiro semestre de 1999 se inscreve um esforço último de muitos editores em reformularem ou «refundarem a APEL», como se escrevia no programa da penúltima direcção associativa. Diversos acontecimentos e peripécias, previsíveis e imprevisíveis, respeitáveis ou menos respeitáveis, mas todos, à sua escala e na sua origem, reveladores e decisivos, tornaram este último esforço inglório e concorreram para a sua derrota (UEP, 2000b: 1-2).

2. Da cisão associativa APEL-UEP (em 1999) à reunificação na APEL (em 2009)

As divergências associativas e o *Memorandum de Entendimento* CML-APEL-UEP

Os conflitos que estiveram na origem do conturbado processo de cisão deixaram marcas que se evidenciaram por diversas formas, sendo o primeiro factor de tensão o não entendimento quanto à possibilidade de qualquer editor ser, em simultâneo, membro das duas Associações: «Os seus promotores [da UEP] consideram que os editores podem pertencer às duas Associações e, por isso, mantiveram-se na APEL, criando uma situação de grande equívoco...» (APEL, 2000: 5).

Com a cisão, as divergências antes dirimidas no plano interno passaram a ter repercussão junto de entidades nacionais e internacionais, ligadas ao sector do livro: «Constituída a UEP, foi decidido passar de imediato a uma fase de reconhecimento institucional, enunciando os problemas dos editores e apresentando soluções para os mesmos» (UEP, 2000b: 3).¹⁴

Esta divisão no associativismo editorial e livreiro contribuiu para enfraquecer a sua imagem e a sua capacidade de acção, a nível nacional e internacional. As duas Associações passaram a actuar no sentido de assegurar representatividade e fazer valer os seus pontos de vista junto de múltiplas entidades e instituições.¹⁵

¹⁴ Para aprofundamento deste assunto, consultar: JL-Tema, 2001: 14-17; Lusa, 2006: 1-2; UEP, 2006: 1-96; Beja, 2012: 101-106.

¹⁵ Entre as instituições envolvidas, merecem realce: Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministério das Finanças e Economia, Ministério da Educação, Ministério da Cultura, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Comissão de Cultura da Assembleia da República, Instituto Camões, Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal do Porto, Instituto Nacional de Estatística, Associação de Gestão da Cópia Privada (AGECOP), Associação Empresarial de Portugal (AEP), Associação Portuguesa das

E foi num contexto de tensão latente que APEL e UEP orientaram os seus planos de actividade, tendo como pano de fundo a acelerada concentração iniciada no sector do livro em 1985¹⁶ e as opções assumidas no decorrer do processo que conduziu à cisão. Ambas procuraram assim afirmar-se junto dos seus associados, das entidades responsáveis pela política do livro, das Associações internacionais e da opinião pública.

A organização das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto situou-se no epicentro da degradação do entendimento entre as duas Associações: discutia-se a atribuição da responsabilidade pela organização, os regulamentos, a gestão dos subsídios oficialmente atribuídos, a definição do espaço, o modelo dos pavilhões, as acções paralelas, tudo gerava divergências de solução problemática.

Neste contexto de relações tensas, o Regulamento das Feiras do Livro de 1999, aprovado em Assembleia Geral Extraordinária da APEL (p. 45, *supra*), originou uma acção declarativa de condenação, sob a forma sumária, movida pela UEP contra a APEL, com um pedido de indemnizações por incumprimento do Regulamento; dirimido nas instâncias judiciais, foi declarado improcedente, pelo Supremo Tribunal de Justiça, em 23 de Março de 2006 (cf. Supremo Tribunal de Justiça, 2006: 1-19).

Num clima de discórdias e desavenças, a APEL moveu, em 2002, acções cíveis de recuperação de dívidas relativas à inscrição e participação de associados da UEP na Feira do Livro de Lisboa. Este processo foi solucionado na sequência de diligências de aproximação entre as direcções presididas por António Baptista Lopes (APEL) e Carlos da Veiga Ferreira (UEP). Em 31 de Dezembro de 2007 foi assinado um «Acordo de Pagamento» e retiradas as acções movidas pela APEL (APEL / UEP: 2007).

Começa assim a vislumbrar-se a hipótese de entendimento e, em princípios de 2008, a possibilidade de reunificação era assumida pelos dois presidentes, da APEL e da UEP:

Os Meus Livros – Que perfil imaginam para estar à frente de uma Associação que voltasse a reunir todos os editores?

CVF – Eu acho que terá de ser alguém com muita experiência no sector, até com mais experiência do que qualquer um de nós dois, que tenha um relacionamento

Empresas de Distribuição (APED), Associação dos Livreiros do Norte, Agência Internacional do ISBN, União Internacional de Editores, Federação Europeia de Editores, Federação dos Livreiros Europeus.

¹⁶ Para aprofundamento deste consultar: «Concentração livreira inicia alterações profundas no mercado do livro» (Beja, 2012: 87-110).

fácil com todos os intervenientes. Há dez anos haveria, naturalmente, muito pouca gente consensual, mas hoje acho que há quatro ou cinco pessoas que poderiam perfeitamente assumir essa presidência.

BL – Assino por baixo! (Costa / Maia, 2008: 55).

A questão colocada não era inocente: o meu nome circulava há algum tempo no meio associativo e na comunicação social (Almeida, 2008a: 55; JL, 2008: 13). Por esta razão, e salvaguardando a indispensável objectividade, posso aqui servir-me de conhecimentos e dados públicos propiciados pela condição de candidato para consubstanciar factos relevantes no âmbito deste artigo.

A reunificação a curto prazo revelou-se inexequível face a um novo conflito surgido aquando da preparação da Feira do Livro de Lisboa de 2008. A UEP pretendia «pôr fim à participação na Feira com *stand* tipo, havendo a liberdade para se participar de outra forma, e conseqüentemente passando a haver a possibilidade de serem “inscritos” metros quadrados em vez de pavilhões» (APEL, 2008: 1). Este debate sobre a liberalização do modelo dos pavilhões reavivou-se com a constituição do grupo Leya,¹⁷ em Janeiro de 2008,¹⁸ uma vez que este englobava um vasto número de associados da UEP. O extremar de posições das duas partes, veio colocar em risco a realização da Feira e motivou a intervenção da Câmara Municipal de Lisboa (CML).¹⁹

Finalmente, em 19 de Maio de 2008, foi assinado um «Memorando de Entendimento», em que se atribuía à APEL a realização das Feiras de 2008 e 2009, se contemplava a possibilidade de stands diferenciados – que viabilizaram uma «Praça Leya» na Feira de 2008 – e se incumbia a APEL de apresentar, até 30 de Novembro de 2008, um projecto de modernização da Feira para a edição a realizar no ano seguinte a ser apreciado pela CML num prazo de 30 dias (cf. CML / APEL / UEP, 2008: 1-3).

¹⁷ O Grupo Leya é constituído pela Casa das Letras, D. Quixote, Edições ASA, Editorial Caminho, Estrela Polar, Gailivro, Oficina do Livro, Novagaia, Sebenta, Teorema, Texto Editores, Lua de Papel e Quinta Essência.

¹⁸ Um conglomerado resultante da aquisição de diversas editoras por um grupo essencialmente financeiro em 2007.

¹⁹ Para aprofundamento consulte-se, de entre abundante documentação, informações e artigos de opinião publicados, as seguintes fontes que cumprem critérios de objectividade, abrangência e complementaridade: LER, 2008a: 1; Henriques, 2008:1-2; ípsilon, 2008a: 1-2; Lucas, 2008: 1; Lusa, 2008a: 1-2; Lusa, 2008b: 1-3; LER, 2008b: 1-3; Cultura, 2008: 1-2; Lusa, 2008c: 1; Lusa, 2008d: 1-2; Lusa, 2008e: 1.

Modernização das Feiras de Lisboa e Porto e reunificação na APEL

As tensões relativas à organização da Feira do Livro de Lisboa sobrepuseram-se às noticiadas conversações sobre a fusão APEL-UEP (p. 49, *supra*) e inviabilizaram uma solução a curto prazo, como evidenciou o debate «Livros em desassossego – O que divide os editores»,²⁰ que teve lugar na Casa Fernando Pessoa, a 29 de Maio de 2008 (cf. Costa, 2008: 1-2).

Realizada a Feira do Livro de Lisboa de 2008, entre 24 de Maio e 15 de Junho, restava meio ano à APEL para entregar na CML o projecto de modernização da Feira de 2009. Prazo curto e caminho estreito, a que acrescia a necessidade da realização de uma Assembleia Geral para Eleição dos Órgãos Associativos para o triénio 2008-2011, que foi convocada para 24 de Julho de 2008. A candidatura subordinada ao lema «O Livro que nos une – O desafio que nos motiva» foi apresentada em 7 de Julho de 2008, acompanhada de «Manifesto, Programa e Lista de Candidatura»²¹ (APEL, 2008b: 1-5).²² Destaco dois temas constantes, respectivamente, no Manifesto e no Programa:

Diligenciar no sentido de se alcançar a articulação e harmonização do movimento associativo, com espírito de consenso, postura assertiva e respeito mútuo, procurando um modelo organizativo que, salvaguardando o património comum

²⁰ Este debate foi moderado por Carlos Vaz Marques e teve a participação de Carlos da Veiga Ferreira (presidente da UEP), Rui Beja (putativo candidato à liderança da APEL), Tito Lyon de Castro (editor das Publicações Europa-América) e Osvaldo Manuel Silvestre (editor da chancela Angelus Novus). A discussão foi acalorada e os fantasmas do passado ainda ensombram o presente, boicotando à partida qualquer discussão sobre o que podia e devia mudar no mundo editorial português (cf. Silva, 2008: 1).

²¹ Assembleia Geral: presidente, Paulo Teixeira Pinto (Guimarães Editora); 1.º secretário, Sebastião Sena Esteves (Ulisseia Editora); 2.º secretário, David Belo Ferreira (FNAC). Direcção: presidente, Rui Beja (Lisboa Editora); vice-presidente, João Espadinha (Editorial Presença); vice-presidente, Henrique Mota (Princípia Editora); vogal e presidente do Conselho Técnico de Editores, Pedro Cabrita Carneiro (Círculo de Leitores); vogal e presidente do Conselho Técnico de Livreiros, Ana Maria Neves (El Corte Inglés – Livrarias); suplente, Jorge Reis-Sá (Do Impensável – Quasi Edições); suplente Margarida Dias Pinheiro (Livraria Ferin). Conselho Fiscal: presidente, António Baptista Lopes (Âncora Editora); vogal, Ana Paula Tavares (Áreas Editora); vogal, Pedro Prata Ginja (Plátano Editora). Conselho Técnico de Editores: Frederico Annes (Lidel) e Joel Antero Amaro (Dinalivro). Conselho Técnico de Livreiros: Maria Alexandra Vieira (Livraria Arquivo) e Célia Franco (Livraria Pretexto). (cf. APEL, 2008b: 4).

²² Para aprofundamento, consultar: Lusa, 2008f: 1-2; Vitória, 2008: 41; Booktailors, 2008a: 1-2; Booktailors, 2008b: 1-2; Booktailors, 2008c: 1-7.

de editores e livreiros, permita encontrar soluções de trabalho comuns, flexíveis, eficazes e duradouras (APEL, 2008b: 1).

...

Elaborar um projecto de modernização da Feira do Livro de Lisboa, a apresentar à CML até 2008-11-30, conforme o «Memorando de Entendimento» assinado em 2008-05-19 entre a CML, a APEL e a UEP (APEL, 2008b: 3).

Eleita por unanimidade, em 24 de Julho de 2008,²³ a nova direcção da APEL centrou a sua acção, no curto prazo, em dois objectivos estratégicos: a) Fortalecer a intervenção institucional, dinamizar a actividade associativa e otimizar a organização interna; b) Avaliar o modelo das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto, introduzindo as alterações viáveis e elaborando um projecto de modernização conforme o «Memorando de Entendimento CML/APEL/UEP» (p. 50, *supra*) e que merecesse aprovação pela Câmara Municipal de Lisboa.

A credibilidade da candidatura apresentada a sufrágio e o ganho de confiança para o futuro, aferidos em função do trabalho desenvolvido e metas alcançadas até 31 de Dezembro de 2008, constituíam-se como pedra angular para fomentar a reaproximação APEL-UEP, concretizar com sucesso as Feiras do Livro de 2009 e abrir caminho para a recomposição do associativismo editorial e livreiro em Portugal.

Chegado o final do ano de 2008, o inventário dos objectivos concretizados apresentava-se animador face aos ambiciosos propósitos definidos e aos condicionantes, internos e externos, que havia que superar.

De entre os aspectos organizativos e institucionais mencionados no Relatório e Contas de 2008 (APEL, 2009: 4-6), relevam o facto de terem: a) Preparado, discutido e apresentado o plano de modernização das Feiras do Livro de 2009;²⁴ b) Criado o conceito «Nova APEL – Mais APEL», na comunicação e apoio aos associados, na organização interna e nos serviços aos associados;²⁵ c) Estabelecido uma relação mais estreita e continuada com os meios de comunicação social.²⁶

Eixo central do estudo vertido neste artigo, a modernização das Feiras do Livro de Lisboa e Porto 2009 foi concebida, apresentada e consensualizada com as edilidades, após contactos com instituições públicas, auscultação de participan-

²³ Consultar: Lusa, 2008g: 1-2; Actualidade, 2008: 1.

²⁴ Para mais informações sobre esta matéria: Almeida, 2008b: 1-3; APEL, 2008c: 1-8; Booktailors, 2008d: 1-4; Redação / CR, 2008: 1-2; Lusa, 2008h: 1-2.

²⁵ Consultar: Booktailors, 2008e: 1-2; Booktailors, 2008f: 1-2.

²⁶ Ver: Lusa, 2008i: 1-2; ípsilon, 2008b: 1-3.

tes, análise de alternativas, consensualização de princípios, avaliação operacional e estimativa financeira. Enuncio a seguir alguns «Caminhos para a Modernização»:

1. Concretizar o desfasamento de datas entre as Feiras de Lisboa e do Porto, fazendo coincidir o arranque, em Lisboa, com a celebração do Dia Mundial do Livro;
2. Envolver as entidades oficiais responsáveis pela gestão e promoção do livro e da leitura, nomeadamente os organismos do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação competentes neste domínio, com especial ênfase para o Plano Nacional de Leitura, no apoio à promoção das Feiras e à realização de eventos com elas relacionados;
3. Estabelecer protocolos com as Câmaras Municipais de Lisboa e do Porto, para um período de quatro a cinco anos, que permitam assegurar o investimento necessário à modernização operacional;
4. Implementar um plano de marketing e de envolvimento dos principais meios de comunicação, mais intenso do que em edições anteriores;
5. Cativar para a divulgação dos eventos as empresas editoriais e livreiras – através dos seus *websites* – e os blogues dedicados ao livro e à leitura;
6. Concretizar a obtenção de patrocínios por entidades vocacionadas para o apoio a actividades de carácter cultural;
7. Envolver as grandes redes livreiras e os livreiros independentes em acções concertadas com a Feira, nomeadamente na transformação do Dia Mundial do Livro num grande evento cultural com expressivo impacto comercial, mas também no aproveitamento do período de realização da Feira, para organizar acções promocionais que aproveitem o «pico» de atenção dedicada ao livro pelas entidades oficiais e pelos meios de comunicação (APEL, 2008c: 3).

A aprovação do projecto pela CML que, de acordo com o prazo previsto no «Memorando de Entendimento» teria como limite o dia 25 de Dezembro de 2008, foi retardada por razões decorrentes do período de Natal e Ano Novo, a que se somou a complexidade de articulação APEL-UEP, a análise e aceitação de sugestões constantes no parecer técnico emitido pela Direcção Municipal de Ambiente Urbano e alteração na estrutura da Direcção Municipal de Cultura da altura. Em 15 de Janeiro de 2009, a APEL foi informada pela Vereadora com o pelouro da Cultura, Dr.^a Rosalia Vargas, que o projecto tinha sido aprovado pela CML:

Na sequência de reunião que ontem decorreu nos Paços do Concelho, venho transmitir a V. Exa. que o Projecto de Modernização da Feira do Livro, apresentado

pela APEL, mereceu apreciação positiva, com as reformulações sugeridas pelos serviços competentes da Câmara Municipal de Lisboa e já aceites pela APEL (email de 7 de Janeiro).

O projecto de modernização da Feira do Livro de Lisboa apresentado pela APEL representa um claro esforço de valorização deste evento. Neste sentido, reconhecemos a determinação em enfrentar os desafios colocados por um projecto cuja dimensão aponta para uma visão de futuro no sector dos editores e livreiros.

A APEL, como entidade organizadora da 79.^a edição da Feira do Livro de Lisboa, deverá garantir a participação alargada a todos os representantes do sector do livro, correspondendo assim aos objectivos de interesse público, que continuarão a fundamentar o apoio do Município a um projecto desta natureza.

Nesta perspectiva, será submetida à aprovação da Câmara Municipal de Lisboa uma proposta de apoio financeiro de 150.000 Euros, como forma de comparticipação anual num esforço de modernização que garantirá o futuro da Feira do Livro de Lisboa como um evento que acompanha as expectativas de públicos cada vez mais exigentes (CML, 2009: 1).

Em finais de Setembro de 2008, a APEL tinha iniciado diligências junto da Câmara Municipal do Porto (CMP), no sentido de o projecto de modernização da Feira do Livro de Lisboa 2009 ser aplicado, com os necessários ajustamentos, à Feira do Livro do Porto 2009, a realizar na Avenida dos Aliados. Em 20 de Janeiro ficaram acordadas as condições para a elaboração de uma proposta de Protocolo de Colaboração que foi aprovada por unanimidade pela Assembleia Municipal do Porto realizada em 18 de Maio de 2009.

Ao longo do primeiro quadrimestre de 2009 teve lugar a fase preparatória das “novas” Feiras do Livro de Lisboa e do Porto, numa intensa e continuada simbiose “articulação-execução”, conduzida pela Comissão Técnica das Feiras do Livro (CTFL) – João Espadinha, vice-presidente da direcção da APEL e coordenador da CTFL; Eduardo Boavida, director da Feira do Livro de Lisboa; e Avelino Soares, director da Feira do Livro do Porto –, envolvendo instituições públicas, direcção e colaboradores da APEL, direcção da UEP, participantes nos eventos e entidades externas.²⁷ Este foi um trabalho essencial para que a

²⁷ António Costa (programação cultural FLP), Arq. Valter Perdigão (*layout* da implantação das Feiras), Booktailors (programação cultural FLL), Jiz, Lda. (fornecimento e montagem dos pavilhões), Lift Consulting (comunicação e imagem).

modernização dos certames fosse bem sucedida e foi objecto de significativa cobertura pela comunicação social.²⁸

No âmbito da modernização da 79.^a Feira do Livro de Lisboa (2009), a APEL organizou a «Semana dos Livreiros» integrada no projecto «Ler é Saudável», desenvolvido pela CML em parceria com a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) e o Plano Nacional de Leitura (PNL). A inovadora iniciativa, promovida e liderada pela vogal da direcção e presidente do Conselho Técnico de Livros, Ana Maria Neves, visava criar sinergias entre livreiros e editores, associados e não-associados da APEL, e decorreu entre 20 e 25 de Abril de 2009 com o envolvimento de grandes redes livreiras e livrarias independentes (cf. APEL, 2009: 8).²⁹

Foi em ambiente de manifesta expectativa, com a azáfama dos preparativos de última hora e o sentido de cooperação a cruzarem-se com alguma frieza de relacionamento que restava do passado e a muita vontade de vencer os desafios do futuro, que a Nova Feira do Livro de Lisboa foi inaugurada em 30 de Abril de 2009.³⁰ De “cara lavada”, a Feira passou a abrir à hora do almoço, com serviços de restauração, no sentido de novos públicos usufruírem o livro, com diversas actividades e amplos espaços de lazer. O Brasil foi convidado de honra e o editor Rogério de Moura, figura ímpar da edição portuguesa, foi homenageado a título póstumo em elogio proferido pelo Professor José-Augusto França.

Com 140 participantes, instalados em 220 pavilhões do novo modelo padronizado e 16 pavilhões diferenciados organizados em praça pelo grupo Leya, o certame contou com um auditório e quatro praças temáticas onde, para além dos eventos diários dedicados ao público infantojuvenil, decorreram mais de duas centenas de actividades culturais promovidas pela APEL e pelos participantes, até ao seu encerramento em 17 de Maio. Feitos alguns ajustamentos de pormenor, na funcionalidade dos pavilhões e, também, nos horários de encerramento, a avaliação final foi bastante positiva, tanto por parte dos participantes como na afluência, estimando-se que o número de visitantes tenha crescido entre 10 e 20% relativamente ao ano anterior, como revelou o inquérito de satisfação feito ao público.

²⁸ Ver: Marinha, 2009: 36-37; Lusa, 2009a: 1-2; Booktailors, 2009a: 1; Booktailors, 2009b: 1; Artes/Livros, 2009a: 1-2; JL, 2009:9; Morales, 2009: 44-45.

²⁹ Para aprofundamento deste assunto: cf. *Pó dos Livros*, 2009: 1-2.

³⁰ Consultar: Ganta, 2009: 15; *Redação / CR*, 2009: 1-2; Henriques, 2009: 1-3; Caetano, 2009: 1-3.

A imagem colhida e divulgada pela comunicação social foi igualmente positiva:

Contra factos não há argumentos: a Feira do Livro foi um sucesso. As vendas subiram, os editores ficaram satisfeitos e, por uma vez e apesar da crise, queixaram-se um pouco menos do que em anos anteriores. Os novos pavilhões foram bem recebidos: 42 por cento dos e-leitores do Blogue de Letras acham-nos melhores. E 25 por cento manifestou a intenção de comprar mais de 10 livros na Feira, o que é assinalável. O que os nossos e-leitores não concordam é com o novo horário – 52 por cento preferia que, aos dias de semana, a feira estivesse aberta das 16.30 às 00.30. Fica a sugestão para o próximo ano (Halpern, 2009:1).³¹

A Nova Feira do Livro do Porto foi inaugurada em 27 de Maio de 2009, com a novidade de ter regressado à Avenida dos Aliados, onde tudo tinha começado em 1931, indo ao encontro do interesse manifestado pela edilidade portuense e pelos visitantes. Até 14 de Junho, mais de 150 participantes marcaram presença em 128 dos novos pavilhões, num certame que, com os necessários ajustes às características específicas de espaço e dimensão, seguiu os princípios de modernização introduzidos na Feira de Lisboa e mereceu grande cobertura mediática.³²

A Feira homenageou a escritora e pedagoga Luísa Dacosta e contou com uma programação cultural intensa e diversificada, com mais de 100 iniciativas e 150 horas de sessões relacionadas com o livro e a leitura, realizadas no auditório fechado e em duas praças ao ar livre. A minifeira infantil acolheu actividades diárias, organizadas em parceria com a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, o Plano Nacional de Leitura e a Câmara Municipal do Porto.

O balanço final foi significativamente positivo. As condições meteorológicas, alternando temperaturas elevadas com dias chuvosos, e o recurso a WC exteriores à Feira, constituíram aspectos desfavoráveis. Os horários, considerados convenientes por uns e inadequados por outros, foram ajustados e prolongados nos feriados e ao fim-de-semana. Foi notório o progresso na relação entre organização e participantes, muito positivo o resultado do inquérito de satisfação

³¹ Para mais informações e aprofundamento: Lusa, 2009b:1-2; Costa, 2009: 1-2.

³² Ver, por exemplo: Almeida, 2009a: 48; Almeida, 2009b: 48; Belém, 2009a: 45; Belém, 2009b: 51; Ferreira, 2009a: 52; Carvalho, 2009: 21.

aos visitantes e favorável a opinião veiculada pelos media: «Livros regressam ao coração da cidade e chamam mais de 150 mil pessoas à feira. Maioria dos editores refere aumento das vendas, com alguns a falarem em subidas de 50 por cento face a 2008. O teste dos Aliados mereceu aprovação, mas há correcções a fazer» (Oliveira, 2009: 18).³³

Conceber e concretizar, em menos de um ano, o exigente projecto de modernização das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto de 2009, um dos mais relevantes objectivos constantes no Manifesto e Programa de Candidatura da direcção eleita em 24 de Julho de 2008, abriu caminho para restabelecer a credibilidade e representatividade institucional da APEL. Os consensos alcançados no decorrer da organização dos dois certames, contribuíram para desanuviar a tensão que se adensara entre APEL e UEP aquando da realização das Feiras do Livro de 2008.

Estavam criadas as condições para passar ao segundo grande objectivo, articulação e harmonização do movimento associativo. Trabalhar no sentido da reunificação era de interesse mútuo e seria manifestado em encontros informais entre dirigentes e associados da APEL e da UEP. Havia, pois, que avançar, em tempo oportuno, para a formalização das intenções. Em 27 de Julho, teve lugar uma Assembleia Conjunta dos Órgão Sociais da APEL, alargada aos membros das Comissões Técnicas, para informar, debater e concluir sobre as diligências em curso no sentido de, a curto prazo, se concretizarem passos importantes para a reunificação do movimento associativo. Em 30 de Julho, foi emitido um comunicado da APEL, articulado com a UEP, dando a conhecer que estava em preparação um processo para unir o sector do livro, liderado pelas respectivas direcções, com o apoio das principais empresas associadas a cada uma das instituições, dando deste modo continuidade ao bom relacionamento que se tinha consolidado no último ano (cf. Crespo, 2009: 1-2).

Dado o primeiro passo, tudo evoluiu com celeridade. Em 4 de Agosto, a direcção da APEL apresentou a demissão, tendo em vista viabilizar a recomposição dos Órgão Sociais no âmbito da unificação do Sector do Livro na APEL.³⁴ Em 31 do mesmo mês, a UEP reuniu-se em Assembleia Geral para decidir sobre a sua extinção e a integração dos seus associados na APEL.³⁵

³³ Consultar: Almeida, 2009c: 41; Ferreira, 2009b: 58; ípsilon, 2009: 2; Mangas, 2009: 48.

³⁴ Ver: Lusa, 2009c: 1-2; Coutinho, 2009: 1-4.

³⁵ Para aprofundamento: Artes/Livros, 2009b: 1.

Em 18 de Setembro, a APEL anunciava a candidatura de uma lista única para eleição dos Órgão Associativos, liderada por Paulo Teixeira Pinto.³⁶ O processo de reunificação concretizou-se em Assembleia Geral Eleitoral da APEL, realizada em 30 de Setembro de 2009, com a lista candidata a incluir ex-associados da UEP entretanto integrados na APEL.³⁷

Conclusões

Como refere José Afonso Furtado: «Do ponto de vista económico, o livro é um *bem cultural reprodutível em escala industrial* e, como tal, um produto sujeito às regras económicas típicas dos bens de grande consumo; enquanto texto escrito por um autor e resultado de uma actividade editorial, é uma criação única e cultural». (Furtado, 2019, *apud* Beja, 2019: XX).³⁸

É neste campo que se inscreve a ancestral conflitualidade associativa no domínio da edição e comércio do livro em Portugal, acentuada pela elevada importância das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto num mercado fragilizado

³⁶ Consultar: Lusa, 2009d: 1-2.

³⁷ Assembleia Geral: presidente, Pedro Moura Bessa (Civilização Editora); secretário, Guilherme Valente (Gradiva); secretário, Sebastião Sena Esteves (Ulisseia Editora). Direcção: presidente, Paulo Teixeira Pinto (Guimarães Editores); vice-presidente Isafas Gomes Teixeira (Grupo Leya); vice-presidente, Vasco Teixeira (Porto Editora); vogal e presidente do Conselho Técnico das Feiras do Livro, João Espadinha (Editorial Presença); vogal e presidente do Conselho Técnico de Editores, João Rodrigues (Sextante); vogal e presidente do Conselho Técnico de Livreiros, Ana Neves (El Corte Inglés); vogal, David Ferreira (FNAC); suplente Margarida Dias Pinheiro (Livraria Ferin); suplente, Frederico Annes (Lidel). Conselho Fiscal: presidente, Teresa Figueiredo (Bertrand); vogal, Fernando Chaves Ferreira (Chaves Ferreira – Publicações); vogal, Pedro Avillez (Tribuna da História). Conselho Técnico de Editores: José Manuel Lello (Lello Editores) e Frederico Annes (Lidel). Conselho Técnico de Livreiros: José Pinho (Ler Devagar) e Margarida Dias Pinheiro (Livraria Ferin). Conselho Técnico para a Internacionalização: presidente, Henrique Mota (Principia), João Miguel Guedes (Editorial Verbo), Luís Saraiva (Leya) e Miguel Martins (Porto Editora). Conselho Técnico das Feiras do Livro: Eduardo Boavida (Bertrand), Avelino Soares (Areal Editores) e Pedro Pereira da Silva (Leya).

³⁸ A situação tornou-se insustentável no final dos anos 80, momento em que o «olhar económico» sobre o livro se tornou, por fim, legítimo, e hoje, passadas mais de duas décadas de concentrações editoriais, de debates sobre a política do livro, de grandes operações de concentração e de globalização, «somos obrigados a reconhecer que os aspectos económicos impulsionaram, em grande medida, as transformações ocorridas» (Rouet, 1992: 6, *apud* Furtado, 2009: 13).

pelos fracos hábitos de leitura e pela dispersão em entidades maioritariamente de reduzida dimensão, frequentemente de carácter familiar. Todos estes factores foram depois amplificados pela forte concentração empresarial iniciada em meados dos anos oitenta do século XX.

O presente trabalho detalha a influência e impacto dos pressupostos acima mencionados, nos processos de cisão e reunificação ocorridos no associativismo editorial e livreiro (1999-2009), e analisa as condições de assertividade e entendimento que prevaleceram no restabelecimento da credibilidade e representatividade institucional. No seu todo, identifica o caminho para uma realidade que se impõe: independentemente da estrutura associativa, os operadores da indústria cultural do livro coexistem numa interdependência que exige a conciliação entre o interesse particular e a postura colectiva: o “velho” corporativismo a ceder o seu lugar à colaboração institucional, com janelas abertas para o futuro.

Em conclusão, no presente contexto de incipiente adequação de uma política para o livro, de carência de penalização das práticas comerciais proibidas por lei,³⁹ de ausência de uma estratégia política sobre a infraestrutura de produção e divulgação de informação do sector da cultura em Portugal,⁴⁰ e perante os desafios colocados pela era da “Informação Globalizada”, o associativismo editorial e livreiro tem tudo a ganhar com a cooperação e tudo a perder com o individualismo.

³⁹ Lei do Preço Fixo: Instituída pelo Decreto-Lei n.º 176/96, de 21 de Setembro; alterada pelo Decreto-Lei n.º 216/2000, de 2 de Setembro; e revista pelo Decreto-Lei n.º 196/2015, de 16 de Setembro.

⁴⁰ Isso revela-se, desde logo por não existir um sistema de informação no Ministério da Cultura, apesar de estar em equação desde 2000. Revela-se também pela extinção, em 2013, do Observatório das Actividades Culturais, sem que tenha sido acautelada a continuidade das funções desempenhadas – ou uma alternativa, tão ou mais atuante, pese embora a recente criação do OPAC. E revela-se ainda pela ausência de programas de estudos, continuados no tempo e articulados entre si, por parte do organismo da tutela com essa atribuição. (Neves, 2020: 77).

Referências bibliográficas

- ACTUALIDADE (2008). Livros: Rui Beja eleito por unanimidade presidente da Associação de Editores e Livreiros. *Expresso*, 24-07. URL: <https://expresso.pt/feeds/lusa/lusaactualidade/livros-rui-beja-eleito-por-unanimidade-presidente-da-associação-de-editores-e-livreiros=f375889>.
- ALMEIDA, S. (2008a). Fusão entre APEL e UEP vai mesmo por diante. *Jornal de Notícias*, 01-02, p. 55.
- ALMEIDA, S. (2008b). Feira do Livro do Porto está de volta à Baixa. *Jornal de Notícias*, 05-12. URL: <https://www.jn.pt/artes/feira-do-livro-do-porto-esta-de-volta-a-baixa-1054428.html>.
- ALMEIDA, S. (2009a). Baixa à espera dos livros: 79.^a Feira do Livro do Porto apresenta horários e pavilhões novos e prevê aumento de inscritos. *Jornal de Notícias*, 04-04, p. 48.
- ALMEIDA, S. (2009b). Ambição em alta na Baixa: 79.^a Feira do Livro do Porto começa hoje com novos horários e reforço do número de editoras. *Jornal de Notícias*, 27-05, p. 48.
- ALMEIDA, S. (2009c). Editoras “muito satisfeitas” com mudança para a Baixa do Porto. *Jornal de Notícias*, 10-06, p. 41.
- APEL (1992). Acontecimento – Seis décadas de Feiras do Livro. *Livros de Portugal*, Ano V, N.º 6 (Junho), pp. 11-17. Lisboa: APEL.
- APEL (1998). APEL, uma história. *Livros de Portugal*, Ano X, N.º XV (Maio), pp. 14-15. Lisboa: APEL.
- APEL (1999a). *Acta n.º 48, de reunião da Assembleia Geral da Associação de Editores e Livreiros*. Lisboa: APEL.
- APEL (1999b). *Razões para uma Candidatura – Lista B – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros*. Lisboa: APEL, p. 1.
- APEL (2000). *Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal 1999*. Lisboa: APEL.
- APEL / UEP (2007). *Acordo de Pagamento*. Lisboa: APEL-UEP.
- APEL (2008a). *Convocatória* (para Assembleia de todos os Participantes na Feira do Livro de Lisboa), Lisboa: APEL, 26-03, p. 1.
- APEL (2008b). *Apresentação de Candidatura: O Livro que nos une – O desafio que nos motiva*. Lisboa: APEL, 07-07, pp. 1-5.
- APEL (2008c). A Nova Feira do Livro de Lisboa: Resumo do Projecto de Modernização apresentado à Câmara Municipal de Lisboa para organização da 79.^a Feira do Livro de Lisboa. APEL, pp. 25-11. URL: [http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel_news_final\(4\).pdf](http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel_news_final(4).pdf).

- APEL (2009). *Relatório e Contas do Exercício 2008*. Lisboa: APEL.
- ARTES/LIVROS (2009a). 140 editoras inscritas em Lisboa, Grupo LeYa participa na de Lisboa e do Porto. *Diário de Notícias*, 25-03. URL: <https://www.dn.pt/artes/livros/140-editoras-inscritas-em-lisboa-grupo-leya-participa-na-de-lisboa-e-do-porto-1181182.html>.
- ARTES/LIVROS (2009b). Assembleia de extinção da UEP tem lugar dia 31. *Diário de Notícias*, 21-08. URL: <https://www.dn.pt/artes/livros/assembleia-para-extincao-da-uep-tem-lugar-dia-31-1341143.html>.
- BELÉM (2009a). Feira do Livro volta à Baixa após 30 anos de ‘exílio’. *Diário de Notícias*, 26-05, p. 45.
- BELÉM (2009b). O dia em que os livros voltaram à Baixa. *Diário de Notícias*, 27-05, p. 51.
- BEJA, R. (2011). *À Janela do Livros: Memória de 30 anos de Círculo de Leitores*. Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores.
- BEJA, R. (2012). *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas*. Lisboa: APEL.
- BEJA, R. (2019). *Democracia do Livro em Portugal: Transições, Protagonistas e Evolução Sociocultural*. Lisboa: Âncora Editora.
- BOOKTAILORS (2008a). APEL: Carta de apresentação de Rui Beja à presidência da APEL. *Blogtailors*, 15-07. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/07/apel-carta-de-apresentao-de-rui-beja.html>.
- BOOKTAILORS (2008b). Manifesto da candidatura de Rui Beja à Presidência da APEL. *Blogtailors*, 15-07. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/07/manifesto-da-candidatura-de-rui-beja.html>.
- BOOKTAILORS (2008c). Programa da candidatura de Rui Beja à Presidência da APEL. *Blogtailors*, 15-07. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/07/programa-da-candidatura-de-rui-beja.html>.
- BOOKTAILORS (2008d). As vantagens dos novos pavilhões da Feira do Livro. *Blogtailors*, 22-12. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/12/as-vantagens-dos-novos-pavilhes-da.html>.
- BOOKTAILORS (2008e). CIRCULAR APEL. Gabinete de Apoio ao Sócio APEL. *Blogtailors*, 26-12. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/12/circular-apel-gabinete-de-apoio-ao-scio.html>.
- BOOKTAILORS (2008f). CIRCULAR APEL: “Organização Interna e serviço aos associados”. *Blogtailors*, 29-12. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2008/12/circular-apel-organizacao-interna-e.html>.
- BOOKTAILORS (2009a). «Nova» Feira do Livro. *Blogtailors*, 05-02. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2009/02/nova-feira-do-livro.html>.

- BOOKTAILORS (2009b). UEP critica Feira do Livro de Lisboa. *Blogtailors*, 02-03. URL: <http://blogtailors.blogspot.com/2009/03/uep-critica-feira-do-livro-de-lisboa.html>.
- CAETANO, M. J. (2009). Os livros estão de volta ao parque. *Diário de Notícias*, 30-04. URL: <https://www.dn.pt/artes/livros/os-livros-estao-de-volta-ao-parque-1216670.html>.
- CARVALHO, P. (2009). Feira do Livro. Regresso à Baixa cria novas expectativas de afluência ao evento – “Se o público do Rosa Mota vier e o antigo dos Aliados regressar, é excelente”. *Público*, 28-05, p. 21.
- CLUBE DE EDITORES (1996). *Constituição de Associação Estatutos*. Sintra: Primeiro Cartório Notarial.
- CML / APEL / UEP (2008). *Memorando de Entendimento*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- COSTA, S. F. / MAIA, L. F. (2008). A uma só voz. *Os Meus Livros*, Maio de 2008, p. 55.
- COSTA, S. F. (2008). Livros em Desassossego. *Cadeirão de Voltaire*, 30-05. URL: <http://cadeiraovoltaire.blogspot.com/2008/05/livros-em-desassossego.html>.
- COSTA, S. F. (2009). Feira do Livro de Lisboa 09: Balanço (sem contas, para não me assustar). *Cadeirão de Voltaire*, 18-05. URL: <https://cadeiraovoltaire.wordpress.com/2009/05/18/feira-do-livro-de-lisboa-09-balanco-sem-contas-para-nao-me-assustar/>.
- COUTINHO, I. (2009). Associações de editores e livreiros voltam a unir-se. *Público*, 05-08. URL: <https://www.publico.pt/2009/08/05/jornal/associacoes-de-editores-e-livreiros-voltam-a-unirse-17476786>.
- CRESPO, L. (2009). Editores e livreiros portugueses unem-se após dez anos de cisão. *Jornal de Negócios*, 30-07. URL: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/editores-e-livreiros-portugueses-unem-se-apos-dez-anos-de-cisao>.
- CULTURA (2008). Feira do Livro em risco. *Visão*, 14-05. URL: <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2008-05-14-feira-do-livro-em-riscof520826/>.
- ESPADINHA, F. (1977). Feira do Livro: Hoje mais do que nunca. *Livros de Portugal*. Lisboa: APEL, pp. 8-13.
- FEBVRE, L. / MARTIN, H (2000). *O aparecimento do livro*. Trad. de H. T. Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERREIRA, M. (2009a). Feira do Livro do Porto: Abertura deixa desejo para festejar os livros. *Jornal de Notícias*, 28-05, p. 52.
- FERREIRA, M (2009b). Feira do Livro do Porto: “Estávamos a precisar de um sítio como este”. *Jornal de Notícias*, 30-05, p. 58.

- FURTADO, J. A. (2019). Prefácio. In Rui Beja, *Democracia do Livro em Portugal: Transições, Protagonistas e Evolução Sociocultural* (2019), p. XX. Lisboa: Âncora Editora.
- GESDIREITOS (1999). Estatutos GESDIREITOS. Lisboa: GESDIREITOS.
- GOMES, K. (1999). Cisão da APEL prepara União dos Editores Portugueses. *Público*, 18-06. URL: <https://www.publico.pt/1999/06/18/jornal/cisao-da-apel-prepara-uniao-dos-editores-portugueses-135012>.
- GANTA, I. S. (2009). Feira do Livro de Lisboa renovada. *Semanário*, p. 15.
- GUEDES, F. (2005). *Os Livreiros em Portugal e as suas associações desde o século XV até aos nossos dias: subsídios para a sua história*. Lisboa: Editorial Verbo.
- HALPERN, M. (2009). A nova feira do livro. *JL Blogue de Letras, Artes e Ideias*, 19-05. URL: <http://bloguedeletas.blogspot.com/2009/05/nova-feira-do-livro.html>.
- HENRIQUES, A. (2008). Editores na Feira do Livro são peões de brega numa guerra de gigantes, diz patrão da Europa-América. *Público*, 19-04. URL: <https://www.publico.pt/2008/04/19/jornal/editores-na-feira-do-livro-sao-peoes-de-brega-numa-guerra-de-gigantes-diz-patrao-da-europaamerica-257662>.
- HENRIQUES, A. (2009). Novo modelo de financiamento da feira é mais arriscado. *Público*, 29-04. URL: <https://www.publico.pt/2009/04/29/jornal/novo-modelo-de-financiamento-da-feira-e-mais-arriscado-304618>.
- ÍPSILON (2008a). Organização entregue à APEL – Feiras do livro: União dos Editores Portugueses decide segunda-feira se participa. *Público*, 24-04. URL: <https://www.publico.pt/2008/04/24/culturaipsilon/noticia/feiras-do-livro-uniao-dos-editores-portugueses-decide-segundafeira-se-participa-1326893>.
- ÍPSILON (2008b). Editores e livreiros preparam plano conjunto para fortalecer e unir sector. *Público*, 20-12. URL: <https://www.publico.pt/2008/12/20/culturaipsilon/noticia/editores-e-livreiros-preparam-plano-conjunto-para-fortalecer-e-unir-sector-1353768>.
- ÍPSILON (2009). Mudança da Feira do Livro para os Aliados fez subir vendas em 20 por cento. *Público*, 14-06. URL: <https://www.publico.pt/2009/06/14/culturaipsilon/noticia/mudanca-da-feira-do-livro-para-os-aliados-fez-subir-vendas-em-20-por-cento-1386538>.
- JL-TEMA (2001). O 1.º Congresso dos editores portugueses. *Jornal de Letras*, 18-04, pp. 14-17.
- JL (2008). Rui Beja na APEL-UEP. *Jornal de Letras*, 26-02, p. 13.
- JL (2009). Mudanças na Feira do Livro? *Jornal de Letras*, 25-03, p. 9.

- LEME, C. C. / Gomes, K. (1999). Livreiros saem e presidente está por um fio – APEL à beira da ruptura total. *Público*, 04-03, p. nd.
- LEME, C. C. (1999a). Reunião da direcção da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros sem fumo branco – Polémica pode estar para ficar. *Público*, 05-03, p. 26.
- LEME, C.C. (1999b). Graça Didier, da Barata, toma posse com 100 votos contra 84. Livreiros em Força na APEL. *Público*, 30-04. URL: <http://www.publico.pt/publico/1999/04/30/Cultura/C02.html>.
- LER (2008a). APEL toma posição sobre a Feira do Livro. *LER Blog*, 18-04. URL: <https://ler.blogs.sapo.pt/26630.html>.
- LER (2008b). UEP deixa decisão aos associados. Mas Leya ainda não tomou posição. *LER Blog*, 29-04. URL: <https://ler.blogs.sapo.pt/38004.html>.
- LUCAS, I. (2008). Leya adia decisão sobre presença na Feira de Lisboa. *Diário de Notícias*, 25-04. URL: <https://www.dn.pt/arquivo/2008/leya-adia-decisao-sobre-presenca-na-feira-de-lisboa-998439.html>.
- LUSA (2006). 2.º Congresso de Editores decorre a 13 e 14 de Novembro em Lisboa. *RTP*, 07-11. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/2o-congresso-de-editores-decorre-a-13-e-14-de-novembro-em-lisboa_n158890.
- LUSA (2008a). Feira do Livro: APEL apela a solução de compromisso com UEP e grupo Leya. *Jornal de Notícias*, 28-04. URL: <https://www.jn.pt/arquivo/2008/feira-do-livro-apel-apela-a-solucao-de-compromisso-com-uep-e-grupo-leya-936504.html>.
- LUSA (2008b). UEP remete para associados participação na Feira do Livro de Lisboa. *Público*, 29-04. URL: <https://www.publico.pt/2008/04/29/culturaipilon/noticia/uep-remete-para-associados-participacao-na-feira-do-livro-de-lisboa-1327240>.
- LUSA (2008c). Feira do Livro: APEL autoriza pavilhões diferenciados, segundo UEP. *Jornal de Notícias*, 17-05. URL: <https://www.jn.pt/arquivo/2008/feira-do-livro-apel-autoriza-pavilhoes-diferenciados-segundo-uep-942260.html>.
- LUSA (2008d). Feira do Livro: 2008 tem mais participantes, será a última em Lisboa com modelo tradicional – APEL. *Jornal de Notícias*, 23-05. URL: <https://www.jn.pt/arquivo/2008/feira-do-livro-2008-tem-mais-participantes-sera-a-ultima-em-lisboa-com-modelo-tradicional---apel-943624.html>.
- LUSA (2008e). Baptista Lopes lamenta que não tenha havido uma fusão entre APEL e UEP. *RTP*, 23-05. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/baptista-lopes-lamenta-que-nao-tenha-havido-uma-fusao-entre-apel-e-uep_n165966.

- LUSA (2008f). Candidato único à presidência da APEL promete modernização da estrutura e do funcionamento. *RTP*, 15-07. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/candidato-unico-a-presidencia-da-apel-promete-modernizacao-da-estrutura-e-do-funcionamento_n166510.
- LUSA (2008g). Rui Beja eleito por unanimidade presidente da Associação de Editores e Livreiros. *RTP*, 24-07. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/rui-beja-eleito-por-unanimidade-presidente-da-associao-de-editores-e-livreiros_n166616.
- LUSA (2008h). APEL propõe abertura em Abril com pavilhões novos e contemplando a diferenciação. *RTP*, 04-12. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/apel-propoe-abertura-em-abril-com-pavilhoes-novos-e-contemplando-a-diferenciacao_n168177.
- LUSA (2008i). APEL prepara plano para fortalecer e “unir” o sector – Presidente. *RTP*, 20-12. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/apel-prepara-plano-para-fortalecer-e-unir-o-sector-presidente_n168390.
- LUSA (2009a). Autarquia de Lisboa dá “luz verde” aos planos de modernização da APEL (ACTUALIZADA). *RTP*, 16-01. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/autarquia-de-lisboa-da-luz-verde-aos-planos-de-modernizacao-da-apel-actualizada_n168667.
- LUSA (2009b). Feira do Livro: Edição de Lisboa superou a de 2008. *Diário de Notícias*, 18-05. URL: <https://www.dn.pt/artes/livros/feira-do-livro-edicao-de-lisboa-superou-a-de-2008-1236188.html>.
- LUSA (2009c). Direcção da APEL demite-se e abre caminho a novas eleições com o sector unido. *RTP*, 04-08. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/direccao-da-apel-demite-se-e-abre-caminho-a-novas-eleicoes-com-o-sector-unido_n268577.
- LUSA (2009d). Paulo Teixeira Pinto é candidato único à presidência da APEL. *Diário de Notícias*, 15-09. URL: <https://www.dn.pt/artes/livros/paulo-teixeira-pinto-e-candidato-unico-a-presidencia-da-apel-1362717.html>.
- MANGAS, F. (2009). Regresso à Baixa faz aumentar as vendas. *Diário de Notícias*, 15-06, p. 48.
- MARINHA, L. C. (2009). Feiras de cara lavada. *Os Meus Livros*, Janeiro de 2009, pp. 36-37.
- MORALES, J. (2009). Tempos de Mudança. *Os Meus Livros*, Maio de 2009, pp. 44-45.
- NEVES, J. S. (2020). Políticas Culturais e Infraestrutura de Pesquisa e Informação. O caso português. *Sociologia Online*, 24-03. URL: <https://revista.aps.pt/pt/>

- políticas-culturais-e-informacao-o-caso-portugueso-ensino-da-teoria-sociologica-4/.
- OLIVEIRA, M. (2009). Livros regressam ao coração da cidade e chamam mais de 150 mil pessoas à feira. Maioria dos editores refere aumento das vendas, com alguns a falarem em subidas de 50 por cento face a 2008. O teste dos Aliados mereceu aprovação, mas há correcções a fazer. *Público*, 15-06, p. 18.
- PÓ DOS LIVROS (2009). Semana das Livrarias. *Blogue Pó dos Livros*, 07-04. URL: <https://www.blogger.com/blogin.g?blogspotURL=http://livrariapodoslivros.blogspot.com/2009/04/semana-da-livrarias.html>.
- QUEIRÓS, L. M. (1999). À reconquista dos livreiros. *Público*, 28-04. URL: <https://www.publico.pt/1999/04/28/jornal/a-reconquista-dos-livreiros-132814>.
- REDAÇÃO / CR (2008). Porto: Feira do Livro regressa à Avenida dos Aliados – Certame decorre entre meados de Maio e princípios de Junho com pavilhões de Lisboa. *TVI/24*, 04-12. URL: <https://tvi24.iol.pt/sociedade/livros/porto-feira-do-livro-regressa-a-avenida-dos-aliados>.
- REDAÇÃO / CR (2009). 79ª Feira do Livro de Lisboa abre na quinta-feira: Parque Eduardo VII acolhe 140 participantes em 236 pavilhões renovados. *TVI/24*, 28-04. URL: <https://tvi24.iol.pt/sociedade/livros/79-feira-do-livro-de-lisboa-abre-na-quinta-feira>.
- REGEDOR, A. (2005). Os Passos da Feira do Livro – Lisboa e Porto. *BIBVIRTUAL*, 26-05. URL: <https://bibvirtual.blogs.sapo.pt/45808.html>.
- ROUET, F. (1992). Le Livre: Mutations d'une Industrie Culturelle. In José Afonso Furtado (2009), *A Edição de Livros e A Gestão Estratégica* (p. 13). Lisboa: Booktailors.
- SEPÚLVEDA, T. / SIMÕES, P. C. (1999). Eleições podem provocar separação entre editores e livreiros. E Provedoria não quer 'Imposto à la carte' – Nervos à flor d'APEL. *O Independente*, 23-04, pp. 54-55.
- SANTOS, M. L. L. (coord.) (2000). *Dinâmicas da Aplicação da Lei do Preço Fixo do Livro*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- SILVA, J.M. (2008). Alecrim, Manjerona & etc. *Bibliotecário de Babel*, 30-05. URL: <http://bibliotecariodebabel.com/geral/alecrim-manjerona-etc/>.
- SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA (2006). *Acórdão de 23 de Março do Supremo Tribunal de Justiça*. Lisboa: Supremo Tribunal de Justiça.
- THOMSON, J. B. (2010). *Merchants of Culture: The Publishing Business in the Twenty-First Century*. Cambridge: Polity Press.
- UEP (1999). *Estatutos da União dos Editores Portugueses*. Lisboa: UEP.
- UEP (2000). *Balanço do primeiro ano de actividade* (pp. 1-3). Lisboa: UEP.

- UEP (2006). *Actas do 2º Congresso de Editores. O Livro e o Futuro*. Lisboa: UEP.
- VITÓRIA, A. (2008). Rui Beja candidato à Associação Portuguesa de Editores e Livreiros: 'Grandes editoras não podem viver num mundo isolado'. *Jornal de Notícias*, 15-02, p. 41.

TÍTULO: Dinâmicas do sector do livro em Portugal: Modernização das Feiras do Livro, Lisboa e Porto (2009) e recomposição do associativismo editorial e livreiro

RESUMO: Tendo como objectivo dar contributo útil para a historiografia da edição e do comércio do livro em Portugal, este artigo trata, numa pesquisa empírica, o enquadramento da modernização das Feiras do Livro de Lisboa e do Porto (2009) e a subsequente reunificação do respectivo movimento associativo. Num contexto em que os factores de ancestral conflitualidade do associativismo da indústria livreira foram amplificados pela concentração empresarial, o presente estudo visa, igualmente, suscitar adequadas políticas públicas e de mobilização de sinergias entre as diversas profissões do livro.

TITLE: The dynamics in the book sector in Portugal: the modernization of the Lisbon and Oporto Book Fairs (2009) and the reconfiguration of the Publishers and Booksellers associations

ABSTRACT: Aiming to contribute to the historiography of book publishing and trade in Portugal, this article deals, in an empirical research, with the framework of the modernization of the Lisbon and Oporto Book Fairs (2009) and the subsequent merging of the respective members of the association. In a context in which the ancestral conflictual factors of associations in the book industry were amplified by business merges, the present study also aims to strive for appropriate public policies and to mobilize synergies among the various book professions.

